

Título: Além das representações : Gênero, sexualidade, corpo e violência.
(texto preliminar reflexivo a ser retomado e incompleto)

Lia Zanotta Machado.

Especialmente em função da “virada ontológica”, mas já precedida por tantos outros, desde Leroi-Gourhan (1964-5) Bateson (1973 e 1980), , Maccormack and Strathern (1980) a Donna Haraway (1991), temos a noção de que natureza e cultura não são coisas tão distintas como presentes no senso comum ocidental e presentes na divisão cartesiana das disciplinas científicas. Assim, entendia-se que a “natureza biológica”, determinava a outra, a “cultural” , ou entendia-se que a “natureza biológica humana” não tinha nada a ver com a “natureza cultural e simbólica dos sujeitos sociais”. Entendia-se ainda que o humano detinha uma “natureza física” e uma “natureza humana cultural e simbólica”, independentes e separadas entre si. A “Natureza física” por ser pensada como separável da “natureza humana” era seara a ser dominada e amoldada pela “cultura e sociedade humana”.

Contra essas distinções “separatistas”, de um lado, autores por caminhos diversos , buscaram complexificar as relações entre natureza e cultura, e seu caráter de entranhamento. Ingold (2000) estabelecendo a crítica à prevalência das representações. Latour, (1991) lembrando que os humanos não são os únicos agentes. E que as agências são múltiplas e que se dão em redes que envolvem saberes, corpos, objetos, animais, espíritos, tecnologias, ciências, humanos e não humanos. Não há como deixar de refletir sobre as agências dos efeitos das transformações tecnológicas na complexidade do social, do econômico e do político ou das transformações tecnológicas que modificam as habilidades corporais dos humanos. Não há como não pensar nos ciborgues de Haraway (1991) ou das novas subjetivações e memórias que dependem de tablets, celulares e computadores.

Contudo para Latour (1991), para a definição de agente basta que haja produção de efeitos. Há aí uma profunda subestimação das modalidades distintas de

agências que se diferenciam pelas modalidades de se constituírem agentes e não pelos efeitos que produzem. Humanos têm corpos, mentes e habilidades específicas que implicam em subjetivações, investimentos e engajamentos subjetivos não presentes nos objetos, sejam tecnológicos ou não e não presentes nos saberes e narrativas simbólicas enquanto tal. Mas se narrativas, saberes e ciências fazem efeitos por si só sobre os humanos, não permitem a substituição das agências subjetivas dos sujeitos sociais que poderão de formas as mais variadas, dependendo de sua situação social e de sua posicionalidade que venham a assumir, possam flexibilizar, subverter, inventar, dobrar, agregar polissemias, diferenças, deslizamentos, oposições e produzir outras tantas narrativas. Investimentos subjetivos humanos implicam em responsabilidades e reciprocidades positivas e negativas e conflitos.

Pensando gênero, como não refletir como estando ao mesmo tempo, entranhados, distanciados e referidos, sexo anatômico, sexualidade e gênero, sem que qualquer um deles substitua o outro. E como não entranhar sensações e sentimentos ? O sexo anatômico não determina o gênero ou a sexualidade, mas ele faz efeitos. Não é o sexo que determina o gênero, mas é a partir do próprio gênero ou da própria concepção de gênero que vivo e experimento sexo e sexualidade. Mas não posso dizer que corpo, sexo e sexualidade não façam efeitos. Ou que sensações corporais sejam apenas elaborações simbólicas.

Li um texto muito interessante autobiográfico de João W. Nery (2011) _ Viagem Solitária, Memórias de um Transexual Trinta Anos Depois_ autor várias vezes entrevistado em programas de televisão. Trata-se de um autor cujo sexo biológico é mulher, que é referido como *female to male*, ou seja alguém que se transformou de mulher (com aparato biológico fêmea) em homem (com aparato biológico macho). No Brasil , é o primeiro homem transexual que muda de identidade social, um dos primeiros ou o primeiro que introduz modificações cirúrgicas e hormonais no seu corpo, além de mudar sua forma aparente de se vestir e apresentar. É impressionante como os seus relatos mostram como é a partir da noção que ele tem do que é ser homem e de que ele é homem, que não consegue viver o seu corpo de mulher. Vê, percebe e sente a questão do sexo e do corpo a partir do modo pelo qual se constituiu social e psicologicamente. Quer dizer, não é o sexo que

determina sua percepção do seu sexo e do seu corpo, é de um outro lugar, do modo como concebe a ideia do masculino e do feminino (do gênero) que concebe o entendimento do sexo, do corpo e da sexualidade. A tragédia dele é ter um corpo feminino, a tragédia dele é se olhar no espelho tendo relação sexual e ver que seu corpo não corresponde a como ele se entende: homem. O autor escreve muito bem, e mostra como é de um lugar cultural de gênero que se percebe o sexo, que, portanto, gênero e sexo estão entranhados, mas que o acesso ao significado é sempre através da dimensão cultural das relações sociais onde se constroem as percepções psíquicas. Contudo, é seu corpo sexuado que está produzindo efeitos na sua percepção de si.

Quero comentar os resultados de uma pesquisa de Fernandez Unsain, antropólogo argentino que foi meu aluno em curso de pós-graduação ministrado por mim na Universidade de Buenos Aires (UBA) em 2007. Fernandez Unsain realizou trabalho de campo na fronteira da Argentina com Bolívia, em hospital municipal de uma cidade de fronteira da Argentina. Tratava de acompanhar o atendimento de indígenas portadores de doenças sexualmente transmitidas. Um dos seus pesquisados era travesti indígena Aymara que se dizia discriminada e não atendida. Primeiramente não fora atendida, não tendo recebido os medicamentos retrovirais, tendo sido necessária a interveniência do antropólogo para a sua efetivação. Depois, quando uma vez internada, entendia que havia demora no seu atendimento. Cita sua fala: “então me pus a medir o tempo que as enfermeiras demoravam, e então vi que era isso mesmo, demoravam mais para me atender a mim ou a minha irmã do que a outros não indígenas” .

Diante do fato agravado de que sua irmã estava com sequelas depois de ter feito um abortamento, resolveu utilizar uma estratégia extrema. Chama o médico encarregado pela gerência do hospital e exige atendimento para a irmã, ameaçando-o de uma declaração pública: “Se o Sr não atender bem minha irmãzinha e não curá-la, conto a todo mundo, começando por tua mulher, que eu te atendo sexualmente várias vezes por mês. Tive que dizer-lhe assim, porque diante de uma situação assim tive que me por violenta...”. (Fernandez, 2007) A estratégia violenta parece ser uma reação a uma omissão, às vezes tão presente, e tão profunda, de operadores do sistema de saúde, que, no entanto, sequer se percebe como violenta.

Na densidade cultural pensada não como apenas sistema de representações , as representações são mobilizadas, flexibilizadas, reinventadas em relações sociais e em contextos específicos por investimentos subjetivos que se percebem e são percebidos tanto quanto “orientados a valores”, como enquanto corpos étnicos, raciais e genderificados em relação . São auto percebidos e percebidos pelos outros. Fazem efeitos não apenas como sistemas de representações ou sistemas de hierarquias, ou sistemas simbólicos, mas também enquanto corpos e habilidades, seja em conflito ou em acordo.

Busco aqui um entendimento onde se possa tanto se distanciar da afirmação de Simone de Beauvoir de que há um primeiro sexo e um segundo sexo fora da dimensão cultural de gênero, quanto de uma forma de interpretar ou ler Butler de que é a partir do gênero, enquanto representação subjetiva, que se percebe, ou que se constitui o sexo . A importância do corpo não é uma instância metafórica, ela é fundamental, deve ser percebida junto ao cultural, desde que não se entenda cultural como exclusivamente representacional. A densidade social e cultural que faz ver e construir estilos, gêneros, corpos e sexualidades necessita ser pensada como a complexidade de um mundo social entranhado nas relações sociais, onde “o que os corpos fazem” importam para as subjetividades auto-reflexivas de si e para a percepção dos outros e das outridades. Importam na complexidade das relações sociais e dos processos relacionais de poder e saber em condições materiais.

Há que se pensar que os corpos sexuados problematizam as concepções de gênero e que as concepções de gênero problematizam os corpos sexuados. Não se pode entender corpo e sexo como pura construção social, no sentido em que se entende construção social como exclusivamente representação social. Para se pensar o social e o cultural, há que se pensar relações sociais em contextos ambientais, materiais e tecnológicos. É dando o peso e a densidade à dimensão das relações sociais e culturais que se pode pensar o lugar de sujeitos sociais e políticos e pensar o que se pode fazer para lutar incessantemente pela igualdade de gênero, levando em conta as posições diferenciais e desiguais dos sujeitos sociais na sua diversidade sexual. Esta é uma questão fundamental para as pesquisas feministas de gênero, assim como para as pesquisas sobre diversidade sexual do campo LGBTTT ou

LGBTQI, aquilo que trouxeram de novo para o campo acadêmico e para o campo das políticas sociais.

As relações violentas proporcionam um lugar propício para pensar as emoções do medo, da raiva e do poder não somente nas representações mas nos corpos e nas sensações.

Sobre o episódio e o histórico de violência contra ela, Roberta¹ declarou em termo que:

[...] no dia, havia recebido um telefonema, por volta de meia-noite, do autor do fato, que afirmava querer ver a filha que possuem em comum. Ele estava exaltado e disse que iria à casa dela para encontrar a filha e a ameaçou: **“se você está me tirando o que eu mais gosto, vou tirar de você o que você mais ama”**; às 2h, a declarante ouviu o portão balançar e o barulho de alguém pulando o muro. Minutos depois, reconheceu o autor, que arrombou a porta para entrar. A mãe da vítima procurou acalmá-lo e tirá-lo da casa [...] Mas, quando a declarante foi em direção a ele para conversar, **o autor tirou uma faca que estava atrás da cintura e desferiu um golpe de faca na região do abdômen da declarante**; em seguida, **o autor começou a se auto lesionar com a faca dizendo que iria se matar para que morressem juntos** foi socorrida por ambulância e levada ao Hospital. [...] Ao chegar lá, **foi atendida e submetida à cirurgia, ficando dez dias internada**. Sobre o **histórico do relacionamento, disse que o autor já havia destruído coisas suas durante brigas** [...]. Disse que **ele nunca se conformou com o fim do relacionamento** [...]. Mencionou que **sente medo de acionar a justiça para regulamentar visitar e pedir alimentos à filha, por suspeitar que ele se torne ainda mais agressivo**. (Retirado de cópia do termo de declarações da vítima) (grifos nossos)

O termo foi feito logo após o episódio de violência e o medo responde ao estímulo da imediata percepção sensorial, motora e cognitiva da agressão que chama ao engajamento subjetivo corporal e mental de primeiramente não se submeter à ameaça, indo conversar e depois temer pela repetição do golpe. O reconhecimento do medo e do perigo se inscreveu na imediaticidade da agressão mas também na continuidade do seu temor, mesmo que não mais presencial e imediato quando pensa em mover uma ação judicial de pedir alimentos e regulamentar visitas do ex-companheiro à filha. A memória recente das sensações e percepções corporais

¹ Nome fictício foi escolhido para substituir o nome da mulher em situação de violência. Pesquisa realizada sobre minha coordenação, por mim e por Luna Borges Pereira dos Santos junto a um Juizado de Violência Doméstica contra a Mulher no Distrito Federal.

devidas à gravidade das agressões parece colocar limites para as contínuas e mais abstratas reelaborações possíveis.

Passado o golpe, cicatrizada a ferida e movida a ação judicial contra o agressor ex-companheiro, passou o medo ? Sem as sensações motrizes e imagéticas do medo inscritas no engajamento e movimentação corporal durante a situação de perigo iminente, passada a memória recente que fazia permanecer o medo, as emoções podem ser reelaboradas, e articuladas a outras emoções vividas, outras lembranças corporais, outros prazeres e outros afetos em relação a momentos outros com o mesmo companheiro ou não. Conforme a reelaboração, momentos de afeto e amor, inscritos na memória sentimental e corporal podem elidir os momentos de medo e horror. A vítima, cinco meses após a ocorrência dos fatos, desistiu da reparação dos danos e das medidas protetivas e reaproximou-se do réu, e eles estiveram algumas vezes juntos para que este pudesse ver a filha em comum.

Daí o entendimento possível das chamadas “alterações de vontades” ou do “não saber o que querem” das mulheres em situação de violência tão fácil e preconceituosamente criticadas por profissionais de direito e por uma opinião difusa contrária a Lei Maria da Penha.

Retomo considerações que fiz (Machado, 2014). Costa (1998) e Santos (2003) entendem que as emoções dependem de referentes corporais e simbólicos para serem identificadas pois articulam sensações e sentimentos. As sensações seriam “corporalmente localizadas, referidas a imagens corporais e seriam estados do organismo, processos ou eventos físico-mentais que evocariam dor, prazer ou desprazer. Essa seria a principal característica das sensações, a de serem reguladas pelo trinômio dor, prazer, desprazer” (Costa, 1988:211). Os sentimentos na prática social são reconhecidos sem o auxílio de atributos corporais e são mais elaborados do ponto de vista da linguagem. O medo seria fronteiro entre sensações e sentimentos. (Costa, 1998:211).

Entendo que o desencadear da emoção do medo articula necessariamente sensações e sentimentos e dá, ao mesmo tempo, espaço para reelaborações, seja no mesmo momento, seja posteriormente. Solomon (1995) inclui o medo na classificação

das emoções mais regulares, mas que são passíveis sempre de reflexividade, e, portanto, sempre se desenvolvem, articulando sensações e sentimentos em formas variantes segundo se dão as subjetivações nas distintas interações sociais em modalidades culturais diversas, mas sempre com engajamento do sujeito organismo/corpo/reflexividade/cognição/julgamento. Emoções como o medo se dão universalmente e tendem a ser reconhecidas na comunicação entre diversidades culturais, mas suas modalidades variam no desencadear das práticas sociais nos distintos meios social e material onde se dá a interação.

Ingold (2000) alerta para a tendência da antropologia britânica, americana e francesa, de entenderem que são os padrões culturais ou a rede de significados simbólicos (representações) que permitiriam dar forma ao material da experiência e direção para os sentimentos e ações humanas. “Both Geertz and Douglas took culture to comprise a framework of symbolic meanings, common to a community and relatively impervious to the passage of time and generations” (2000:160). Critica que esquecem que a “socialidade é dada desde seu ponto de partida, previamente à objetificação da experiência em categorias culturais, no direto envolvimento perceptual dos sujeitos participantes de um ambiente e que o mundo se torna um meio com significado pelas pessoas através de ser nele vivido, mais do que por ter sido construído ao longo das linhas de uma modelagem”(tradução livre, 2000:168). Elogia Bateson (1973 e1980) que combateu a oposição entre natureza e cultura e a dicotomia entre razão e emoção. Entende que o significado é imanente nos contextos relacionais do prático engajamento em seus ambientes vividos. Para ele, pensar, perceber, lembrar e aprender tem que ser estudados no contexto ecológico das interrelações entre pessoas em seus ambientes. É através das atividades que a mente incorporada, ou o corpo incorporado dos significados culturais, que as relações sociais são formadas e reformadas.

Warnier (2001) contrapõe a perspectiva de perceber o corpo e as emoções como significado e representações atribuídas ao corpo, a uma outra perspectiva analítica: a de levar em conta, de fato, o corpo e as emoções. Propõe o entendimento que a cultura material é a mediação de toda prática corporal do sujeito, como uma técnica do self. Warnier entende que tornar-se um sujeito é construir os seus desejos fins em um mundo material no qual um numero de constrangimentos é dado e no qual

se ganha acesso a um mundo moral na sua relação com os outros, sob certos constrangimentos. Seguindo a Tisseron (1997 e 1999) aponta três meios de simbolização: sensório-motriz, por imagens e por palavras. Simbolização é assim não só comunicação e expressão, mas introjeção e internalização. As três dimensões da atividade corporal estão presentes no processo de subjetivação e a simbolização pelo sistema sensório-motriz-afetivo se articula diretamente com as emoções. As habilidades corporais mediam a agência do sujeito. (Warnier,2001:p.16)

Ingold e Warnier apontam que as ciências sociais tenderam a construir as emoções como resultado das representações, deixando de apontar o caráter do entranhamento de mente e corpo, ou seja de que as ações das agências subjetivas o fazem como uma totalidade corpo/mente e que se dão em íntima conexão com o meio, ou melhor, no seio das relações sociais e das práticas sociais. Entendem que o sujeito indivíduo/corpo/mente que se relaciona em um meio material é uma questão universal, ou seja, dá-se sempre como uma agencialidade individual que se encontra em todas as sociedades e civilizações, sem contradizer com isso, as fortes distinções culturais sobre as noções de indivíduo, eu, pessoa e self.

O MP apresentou, em seguida, proposta de **suspensão condicional do processo** pelo período de prova de 3 anos, com o requisito de que o autor se submetesse a acompanhamento psicossocial por seis meses.

Depois de terminados os atendimentos psicossociais, o autor, ao dar sua opinião sobre o serviço prestado pelo NAFVD, em entrevista dada a Luna Santos (Santos, 2012) afirmou que:

A: era bom porque a gente escutava o depoimento de outras pessoas. Do mesmo jeito que o meu pode ter ajudado alguém, que estava em briga e casado, a separar ou mudar o jeito de ser, para não acontecer algo pior. Aprendi bastante com o pessoal que estava aí [...] Agora que eu estou casado com outra mulher, ela não quer me deixar ver minha filha de novo. Só que aí, como eu já tenho a cabeça, eu já fui atrás da papelada toda. Não agi de cabeça quente de novo (Anotações retiradas da gravação de entrevistas).

Com certeza para mim, a noção de representação, não pode deixar de ser usada, mas devidamente reconceituada, assim como não se pode deixar de pensar a

questão da subjetivação. Ao pensarmos a agencialidade e subjetivação humana como sensória, motriz, afetiva, imagética e verbal, não há como não pensar uma totalidade complexa onde as representações têm lugar em diversos substratos, em formas pensadas, impensadas, verbalizadas e não verbalizadas, e em ações, nada nos dizendo que sejam coerentes entre si. Claro está que as antinomias, as contradições e as ambiguidades das representações, quer sejam as de gênero ou não, ficam ainda mais pronunciadas se pensamos as dissonâncias nos mesmos sujeitos ou em sujeitos diferentes, entre as habilidades sensoriais, motrizes, imagéticas e verbais. Longe estamos da concepção de uma forma de produção de representações coletivas coerentes, englobantes e unificadas, tal como imaginou Durkheim.

A representação dos sujeitos no decorrer de suas experiências vivenciais, em seu ambiente e na rede de relações sociais onde se inserem, se aproximam ou se diferenciam dos dispositivos discursivos hegemônicos pois admitem a emergência e submergência do imaginado, do desejado e do esperado, tal como o aponta Moore (2007) a respeito das subjetividades: o “self não pode ser reduzido ao sujeito constituído discursivamente, pois desejo fantasia e motivação inconsciente não podem ser contidas completamente pelo discurso”. Em especial, enfatizo, concordando com Haraway (1991 e 2000), que as subjetivações e respectivas representações, no sentido, de se auto retratar ou se auto perceber no decorrer de suas relações, se dão a partir de suas posições distintas e desiguais de sujeitos em relações sociais no interior de determinadas socialidades. Embora compartilhem os códigos valorativos das narrativas hegemônicas, não o fazem de uma mesma forma e sempre apresentam convergências e divergências.

Referências Bibliográficas:

BATESON, G. *Steps to an ecology of mind*. London: Fontana, 1973.

_____. *Mind and Nature: a necessary unity*. London: Fontana/Collins, 1980.

BEAUVOIR, Simone [1949] (1980): *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

BUTLER, Judith (2004): *Undoing Gender*. Routledge, NY and London.

COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa, o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo, Paulus, 2008. {1912}

FERNANDEZ UNSAIN, Ramiro (2007) “Violencia de frontera, violencia em frontera”. Trabajo Monográfico Final de Seminário em Maestria em Antropologia Social, UBA.

GEERTZ, C. The transition to humanity. In TAX, S. (ed.) *Horizons of Anthropology*, Chicago:Aldine,1964.

_____ *The Interpretation of cultures*. New York: Basic Books, 1973.

HARAWAY, Donna J. Manifesto Ciborgue: Ciencia, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna, KUNZRU, Hari & TADEU, Tomaz (orgs.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000 (33-118).

HARAWAY, Donna. *Simians, cyborgs and women: The reinvention of nature*. New York: Routledge, 1991.

INGOLD, Tim. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000.

LATOUR, Bruno. *Nous n'Avons Jamais Été Modernes: Essai d'Anthropologie Symétrique*. Paris: Editions La Découverte, 1991.

LEROI-GOURHAN, André. *Le geste et la parole*. Paris: Albin Michel, 1964-65.

MACCORMACK, C. and STRATHERN, M. (1980) (eds.): *Nature, Culture and Gender*. Cambridge, Cambridge Univ. Press.

MACHADO, Lia Zanotta. O Medo Urbano e a Violência de Gênero In Machado, Moura e Borges 9orgs.) *A Cidade e O Medo*. Editora Verbena e Francis, Brasília, 2014.

MOORE, Henrietta. *The Subject of Anthropology: gender, symbolism and psychoanalysis*. Cambridge and Malden, Polity Press, 2007.

NERY, João W. (2011) _ *Viagem Solitária, Memórias de um Transexual Trinta Anos Depois*. São Paulo: Textos Editores Ltda.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Crítica de la razón pós-colonial. Hacia una historia del presente evanescente*. Madrid: Ediciones Akal. S.A., 2010

STRATHERN, Marilyn. *O Gênero da Dádiva: Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2006 (1988).

TISSERON,S. *Psychanalyse de l'image*. Des premiers traits au virtuel. Paris: Dunod,1997.

_____ *Comment l'esprit vient aux objets*. Paris: Aubier, 1999.

WARNIER, Jean-Pierre. A praxeological approach to subjectivation in a material world. *Journal of Material Culture*, Vol.6(1):5-24 [1359-1835 (200103)6:1; 5-24;015941] London; SAGE Publications, 2001.

